

**LINGUAGEM ALEGÓRICA: SÍMBOLOS, COLONIALIDADE E
REPRESENTAÇÃO DE UMA ELITE BRASILEIRA EM *LEITE DERRAMADO* E
ESSA GENTE – ROMANCES DE CHICO BUARQUE**

**ALLEGORICAL LANGUAGE: SYMBOLS, COLONIALITY, AND THE
REPRESENTATION OF A BRAZILIAN ELITE IN *LEITE DERRAMADO* AND
ESSA GENTE – NOVELS BY CHICO BUARQUE**

Juliana Oliveira Silva¹
Oton Magno Santana dos Santos²

RESUMO

A presente escrita tem como objetivo analisar as formas pelas quais o autor Chico Buarque constrói e retrata a cena do Brasil contemporâneo nos livros *Leite derramado* (2009) *Essa gente* (2019). Utilizando como referência Chartier (1988), foi investigado como as lutas de representações são processos perpassados por diversas influências. No caso do Brasil, foi um processo fundado e pautado na violência fundadora – caso da colonização brasileira. Partindo de Lilia Moritz Schawrz (2019) e alcançando Jessé Souza (2017), foi possível perceber as formas de sociabilidade que fundaram o Brasil e regem, ditam, as posições sociais brasileiras, as formas de desigualdade e, junto às obras, perceber um Brasil que não se concretizou. Chico Buarque consegue, por meio dessas narrativas, ilustrar uma elite desvalida e pautada em um discurso violento e legitimada por um passado de privilégios.

Palavras-chave: Chico Buarque; literatura brasileira contemporânea; cidade.

¹Professora da rede estadual do Estado da Bahia. Mestra (2021) e Doutoranda em Estudo de Linguagens – Língua, leitura e cultura. Universidade do Estado da Bahia. Salvador. Bahia. Brasil. E-mail: literaturajulianaoliveira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6872-4799>.

²Doutor em Educação, Unicamp (2017). Professor Titular lotado no DCH – I (Salvador) da Universidade do Estado da Bahia. Universidade do Estado da Bahia. Salvador. Bahia. Brasil. E-mail: omsantos@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9291-7603>.

ABSTRACT

The present writing aims to analyze the ways in which the author Chico Buarque constructs and portrays the scene of contemporary Brazil in the books *Leite derramado* (2009) and *Essa gente* (2019). Using Chartier (1988) as a reference, it was investigated how struggles of representation are processes influenced by various factors. In the case of Brazil, this was a process founded and guided by foundational violence—specifically, the country's colonization. Drawing from Lilia Moritz Schwarcz (2019) and reaching Jessé Souza (2017), it was possible to identify the forms of sociability that established Brazil and continue to dictate its social positions, structures of inequality, and, alongside these literary works, a Brazil that never fully materialized. Through these narratives, Chico Buarque is able to illustrate an elite that is destitute, grounded in a violent discourse, and legitimized by a past of privilege.

Key words: Chico Buarque; contemporary brazilian literature; city.

Artigo recebido em: 25/03/2025

Artigo aprovado em: 20/11/2025

Artigo publicado em: 15/12/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5897>

INTRODUÇÃO

Chico Buarque, além de cantor, é escritor. Consegue no período da ditadura militar brasileira ser uma figura de grande destaque para a comunidade brasileira e suas composições musicais conseguiram, por meio da alegoria e um manejo da escrita, burlar o governo ditatorial vigente – servindo de hinos que protestavam contra a opressão. Em 2009, publica o romance – saga da decadência de uma família tradicional – *Leite derramado*. O romance conta a história de Eulálio, um ancião beirando os 100 anos de idade que provou do mel dos privilégios de pertencer a uma família de nome nobre. Agora, enfrenta as dores da vida e as dores da decadência moral e financeira. Em 2019, Chico publica *Essa gente*, a história da decadência de Duarte – um escritor de sucesso que está à procura de inspiração para novos livros de sucesso. Apesar de ser um escritor profissional, encontra-se estático e sem inspiração para escrever. Para

o escritor da ficção, o Rio de Janeiro já não é o Rio tão belo das canções. Está a deteriorar, bem como o Brasil em suas múltiplas feições.

Muitos aspectos consubstanciam algumas semelhanças entre as narrativas e até, de certo modo, com uma pequena parcela crítica da população brasileira contemporânea. A própria vida colocada como objeto de análise dos protagonistas-narradores opera em um tempo de perdas, em diversos aspectos, que torna a possibilidade de fuga quase impossível. Desse modo, o formato de vida urbano e a cidade são elaborados como a imagem de um jogo incessante de trocas entre o espaço e o sujeito. A cidade, que ultrapassa o sentido palpável, geometrizar, e incide na cosmovisão humana, é o mais bem-sucedido empreendimento humano. Um empreendimento feito de forma tão fortemente estruturada que, hoje, tornou-se maior do que seu criador, é sua grade e sua única opção, não há escapatória do modo de vida urbano. Para entender as subtrações dos dois homens, é notado que, em nível hierárquico e social, a decadência financeira de ambos contribuiu para a desolação e uma “virada de chave”. Tanto Eulálio quanto Manuel Duarte pertenciam a um pequeno grupo que detinha grande poder aquisitivo e dispunha de muitos benefícios. Chico Buarque, em suas escritas, chama atenção para o formato de sociabilidade criado em uma organização específica brasileira de legitimação de poder e de um processo liberal-burguês muito enviesado. Em palavras práticas, linguagem urgente e em demonstrações alegorizadas, os personagens reforçam que a história de uma família tradicional, o capital simbólico que um autor consagrado – como Duarte, personagem fictício – capta, o sobrenome de um grupo que, em um passado, controlou diversas formas de autoridade, necessitam agora de outros aparatos para reforçar sua legitimação ou reconhecimento. Porque, independentemente, da existência da figura do Estado e de uma suposta democracia e soberania popular, o que legisla as formas de sociabilidade e, dentre elas, elege quem vai dispor ou não de facilidades é uma elite que é validada, antes dos aspectos simbólicos, pelo dinheiro e pela lógica do mercado. Um ideal moderno, liberal-burguês, reforçado pelas lógicas do capitalismo. Quem

chama atenção para esse pequeno grupo de “endinheirados” e o classifica como a “elite do atraso brasileira” é Jessé Souza, em seu livro *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato* (2017).

Souza (2017) dá ênfase à existência camuflada e isenta desse grupo de pessoas, que detém uma exacerbada quantidade de capital financeiro, quando comparado à maioria da população, população que sofre injustamente com uma situação de grande vulnerabilidade. Destaca-se, incipientemente, que esse poder financeiro não impera somente em aspectos mercadológicos, mas sua capacidade financeira “compra” e se apodera das estruturas culturais, científicas e midiáticas, de tal modo que constrói um universo e uma representação simbólica que justificam os seus privilégios e facilitam o seu assalto à sociedade. A “compra” dos aspectos simbólicos denota o conhecimento desse grupo sobre o extremo poder que é a capacidade de adentrar e moldar a cosmovisão da grande massa e da classe média, de modo que esses passem a corroborar com o projeto violento de assalto à população. A defesa do mito da meritocracia, feita por grande parte da população, é um exemplo de manipulação. Jessé (2017) afunila sua discussão acerca desse conjunto de aparatos considerando os aspectos financeiros, e que dão destaque à lógica do mercado que, atualmente, é a lógica que prevalece. Segundo Souza (2017, p. 27), “A influência cultural não se transmite, afinal, nas nuvens nem pelo simples contato corporal. Os seres humanos são construídos pela influência de instituições”. Chico traz na ficção aspectos de uma classe desvalida em valores morais e financeiros, mas que entra em sintonia com as questões tratadas por Jessé Souza. O dinheiro no momento da narrativa não é uma presença na vida de Eulálio e de Manuel Duarte, personagens-narrador, a representação da falência impera, em ambos os romances, e a presença da elite do atraso, dos endinheirados, também.

REPRESENTAÇÃO E SÍMBOLOS DE UM BRASIL COLONIAL

A presença de alguns objetos simbólicos remonta e alegoriza a busca a um passado de recorte histórico bem específico e não inocente. No contexto de Eulálio, um tempo histórico no qual o seu discurso conservador tinha amparo e plena coerência, coerência justificada, também, por sua anterior capacidade aquisitiva e pela herança familiar. E no contexto de Duarte, ele está fora do jogo do remonte ao tempo histórico passado, de políticas conservadoras e coloniais, os seus privilégios estavam relacionados ao seu poder aquisitivo gerado pelo seu sucesso enquanto escritor (status alcançado por uma lógica comercial). O escritor ficcional observa, estático ou sem fôlego, como o grupo dos endinheirados, no qual ele transita, expressa grande saudosismo e evoca a necessidade da volta de tempos tão sombrios. Como se já não bastassem os seus privilégios, agora querem liberdade para manifestar seu gosto perverso por tempos tão cruéis. Ele, que na juventude participou de movimentos contra a ditadura militar, encontra-se deslocado quando transita e estabelece pontes com pessoas que compactuam com esse tipo de nostalgia. É um saudosismo ficcional, mas que muito fala sobre a construção identitária brasileira. De acordo com Schollhammer (2009, pp. 29-30):

É característico dessa forma de revisionismo histórico do Brasil, via ficção anacrônica, que o conteúdo histórico se torne alegoria da realidade nacional moderna. Com uma linguagem eficiente e muitas vezes inspirada em gêneros populares, como o suspense policial ou o romance detetivesco, as referências históricas são metabolizadas de modo a possibilitar novas hipóteses interpretativas.

Karl Erik Schollhammer, ao falar sobre as escritas contemporâneas, elenca o hibridismo de formas como característica dessa tendência histórica brasileira. Podendo ocorrer uma recorrência aos mitos fundacionais ou a histórias tradicionais, a exemplo dos temas históricos de identidade nacional, e os inserindo em uma estrutura tida como nova. Essa movimentação faz uma quebra da leitura tradicional e conservadora

e possibilita a inserção de temas caros à sociedade em um formato alegórico, que exala um certo descompromisso com a historicidade, desta forma, há a tendência do surgimento de possibilidades de interpretações por meio da alegoria construída. Há, também, a informalidade das estruturas sem perder a criticidade textual, algumas vezes necessárias. Percebe-se uma linguagem breve, urgente e coloquial.

O escritor Chico, desde sempre muito atento às discussões políticas, intenta, através de suas escritas, que corporificam metaforicamente seu ativismo político, por um estado democrático mais igualitário e não autoritário. É necessário ressaltar que as narrativas analisadas não possuem caráter panfletário de ativismo político, mas sim de escritas ficcionais que têm o Brasil como cenário. Colocada em risco muitas vezes e até surrupiada, a democracia brasileira sobrevive em um formato muito cambaleante e feito em moldes novos com práticas velhas: “um museu de grandes novidades”³. O Brasil possui uma rede muito complexa de representações, ditos e não-ditos, tão complexa ao ponto de seus racismos, desigualdade, autoritarismo e saques à população, tão visíveis e notáveis, sejam colocados embaixo do tapete e permitam que o país assuma a imagem de mestiço, acolhedor e de terra do homem cordial⁴. Apesar de sua recente abolição da escravidão, o país coloca as vestes fajutas de plena democracia, sem resquícios problemáticos a serem superados. Democracia que não é vista nas práticas do cotidiano, no qual até o capital simbólico e a autoestima da população são furtados e manipulados – principalmente das populações anteriormente escravizadas e continuamente exterminadas.

Chico, minuciosamente, após ter sido um dos rostos da oposição ao regime militar e ao seu formato de governo e censura, percebe certo cinismo, em uma parcela

³ Trecho da música O tempo não para, escrita por Cazuza e Arnaldo Brandão e publicada em álbum homônimo em 1988.

⁴ O homem-cordial é uma ideia e uma imagem criada pelo sociólogo Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, 1936). O homem brasileiro seria, para o pesquisador, um homem emotivo e cordial, sempre disposto a agir com as emoções e não com extrema racionalidade. Essa emotividade facilitaria a existência de comportamentos acolhedores e, também, corruptos – as práticas de patrimonialismo, a falta de delimitação entre o público e o privado. A imagem é explorada por Jessé de Souza, na publicação de 2017, e por Lilia Moritz, em 2019.

da população atual brasileira, ao esboçarem uma afeição a governos antidemocráticos ou ao período colonial. O ódio à grande população sentido pelo grupo, em Leite derramado (2009), como demonstra Eulálio, que fala das “pessoas do povo”, dos sobrenomes de pedigree, da educação e fineza elitista em oposição à massa, é um ódio crescente e, agora, exposto sem nenhuma timidez em Essa gente (2019). A realidade brasileira, que é tomada como pano de fundo, testemunha impeachment interessado, clamores por armamento da população, discursos igualitários tidos como “mimimi” e um sentimento ufanista verde e amarelo, além de um ódio à cor vermelha, a esquerdistas e a comunistas. A onda de exacerbado ódio, grande polarização política, sempre foram presentes no Brasil, porém nos últimos anos, saíram de seus esconderijos de suposta democracia, como demonstram as ficções. Hoje, além da crítica, de acordo com Schollhammer (2009, p. 15):

A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico.

De escrivatinhas barrocas, referências à escravidão, chicotes e à existência de festas com tema “colonial”, as narrativas, aqui estudadas, apontam para uma afetividade com o tenebroso tempo das práticas coloniais. Segue esse trecho da última publicação:

Para comemorar a efeméride, e tendo em vista o crescente sentimento monárquico no país, os publicitários planejaram uma edição de luxo do meu romance, a ser lançada concomitantemente no Brasil e em Portugal. Pelas imagens no tablet posso ver algumas ilustrações que acompanharão meu texto: a Quinta da Boa Vista, os figurinos da nobreza, os aristocratas de peruca, o casario colonial, a floresta virgem, os padres, os militares, o libré dos lacaios, os tálburis, os coches, os cocheiros, os cavalos e os escravos. Semelhante a um cofre, a capa de couro traz um brasão do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, além do título do livro e o nome do autor e da editora com letras barrocas em relevo dourado (Buarque, 2019, p. 123).

O clamor pela volta de tempos antigos e de práticas do passado toma corpo arquitetônico e alegorizado. Em ambas as narrativas, não inocentemente, aparecem referências a localizações específicas. A Quinta da Boa Vista é recorrente nos dois romances, ultrapassando a ficcionalidade, o atual parque urbano é um espaço histórico que faz parte da história do país. A localidade serviu de residência para Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II e foi a casa de muitos integrantes da Coroa. Como a Quinta da Boa Vista, ocorre referência, também, ao bairro do Cosme Velho, que é um bairro nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro e, até o momento, mantém suas características originais. De acordo com o blog Em casa blog (2020): “O Cosme Velho é um bairro nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro e teve sua origem por volta de 1567, onde membros da família de Cristóvão Monteiro⁵ ganharam terras em sesmaria”. A segunda menção à anterior residência da Coroa Portuguesa é feita por Eulálio, em *Leite derramado* (2009):

E para mim era uma novidade tomar a fresca nas ruas da Zona Norte, às vezes eu esticava as caminhadas até o centro da cidade. Também passeava na Quinta da Boa Vista, só me dava dó da decadência do antigo palácio Imperial, que meu avô cansou de frequentar nos tempos de dom Pedro II. À noitinha eu regressava por caminhos mal-iluminados, onde não corria perigo de topar com algum conhecido (Buarque, 2009, p. 143).

O espaço, agora aberto ao público, é descrito pelo narrador enquanto profanado. Profanado, justamente, pela abertura ao público e perda da qualidade *VIP*⁶, diferente do tempo imperial no qual era bem frequentado, na visão do ancião, pela Coroa Portuguesa. Uma pequena cartografia de concessões é construída: terras cedidas aos portugueses, para o povoamento do novo país, e população desapropriada de sua própria terra. A distinção que coloca o tempo colonial, de grande violência

⁵Fidalgo português que ganhou terras em sesmaria. Como forma de manter um maior controle de sua colônia, Portugal observando o grande território brasileiro, distribuiu terras a portugueses como forma de controle governamental e maior controle na arrecadação de fortuna e exploração do novo país.

⁶VIP (Sigla de Very Important Person) significa, em linhas gerais, pessoa muito importante, com lugar cativo ou especial.

contra um povo, como “melhor frequentado”, a celebração de um crescente sentimento monárquico no país, e a exaltação de um recorte temporal, em todos os aspectos violentador, só demonstra a falta de humanidade, empatia e falta de sentimento democrático. A ideia de progresso é sempre evocada, mas progresso para quem? Quando discursos por igualdade recebem alguma visibilidade, o adjetivo “mimimi” é posto no contexto, ou a ideia de superação, como se o tempo colonial tivesse se esgotado e que deveríamos superar, “somos todos iguais”. A questão se torna de difícil compreensão quando ainda não é publicamente declarado o problema da escravidão e do colonialismo, quando práticas colonialistas ainda existem, manifestadas de formas diferentes. A realidade fica complexa quando falamos em progresso, mas a democracia e a igualdade são, ainda, um problema para uma parcela mínima da população brasileira, quando deveria ser unanimidade.

Como confirmou Roger Chartier (1988), ao expor o conceito de representação, todo o mundo, concebido como dentro de um real bem próximo ao real, é elaborado por práticas de representações. O conceito foi colocado no plural para dar ênfase à existência de diversas e plurais práticas. A crítica das escritas de Chico assume forma, aqui, por um meio alegorizado e com a presença de símbolos que denotam uma representação. É interessante ressaltar, como a leitura alegorizada e metaforizada adota diversas nuances através do tempo. E coincidentemente, ou não, a performance comportamental dos endinheirados dissimulados da realidade que, paralelamente à escrita ficcional buarqueana, têm feições, nessa análise, semelhantes à descrita no excerto.

O objeto literário e a alegoria confirmam sua característica não estática e confirmam a transcendência da escrita literária através do tempo que, no ato de leitura, é colocada em movimento e ressignificada de diversas formas e por meio de outros singulares atos de leituras. O que entra em consonância com o Brasil de agora, do impeachment, do crescente ódio generalizado e da arminha com a mão, como símbolo da anticorrupção, pode receber novos sentidos no decorrer do tempo. Mas são

observados o Rio de Janeiro e o singular país das últimas décadas, como paralelos às escritas.

O recorte atual brasileiro é testemunha da insurgência de comportamentos sociais complexos e de difícil entendimento porque tange o absurdo e convive com discursos desprogressistas. A oposição a um partido político e as discussões das ditas minorias que insurgiram fortemente nas pautas das mídias sociais e das discussões acadêmicas, desde o incentivo das cotas raciais instauradas em 2004 (na UnB), fomentaram a classificação de grupos por meio de discursos políticos do desprogresso. Solicitar políticas afirmativas e discutir possíveis soluções para problemas sociais que parecem insuperáveis virou sinônimo de ser esquerdista e comunista. Essa agitação ganhou tamanha proporção que elementos e objetos, ou comportamentos, transformaram-se em “validadores” sociais, como indicam os episódios das leituras ficcionais. Ao ser comunicado da insatisfação do filho em relação ao ambiente escolar, pois tem uma rotina perversa por sofrer bullying, Duarte resolve buscar o garoto no colégio a fim de convencê-lo a não achar a escola um ambiente tão hostil:

[...] Mas sem erguer os olhos ele me comunica que à sua escola não volta de jeito nenhum, por causa do bullying. Dou risada, mostro como também guardo o pinto do lado contrário, mas aí fico sabendo que zoam o menino por ser filho de comunistas. Mesmo a namoradinha, que pegou várias vezes na sua piroca sem achar ruim, o trocou por um colega de turma ao saber que meu filho nunca foi à Disney. Digo que isso é um absurdo, comunismo nem existe mais, fora que já lhe prometi uma viagem às praias da Califórnia. Esses fedelhos repetem qualquer merda que ouvem em casa, mas se meu filho quiser, posso comparecer à próxima reunião de pais e professores com uma camisa da Seleção Brasileira. O menino tenciona se transferir para uma escola pública na favela, onde ninguém o recriminará por ter genes de comunista. Desta vez quem ri é a Rebekka, pois na favela, a começar pelo Agenor, comunista e bandido é tudo a mesma coisa (Buarque, 2019, p. 164- 165).

O primogênito de Duarte, apesar do bullying, pertence à classe média alta. Oriundo de uma família com certo poder aquisitivo, ele frequenta uma escola de ricos. Apesar de sua inserção e comprovação de pertencente ao grupo, as crianças

estabelecem outros requisitos de validação, pautados em uma lógica de consumo e exibicionismo narcisista.

Não é somente ter ou fazer viagens, que alimentem a bagagem cultural do menino, mas ele precisava ir e mostrar que foi à Disney. A Disney, devido à abertura da globalização e do capitalismo, virou sinônimo de lugar a ser almejado para visita, principalmente, pelas crianças e por fazer parte do universo fantástico dos desenhos animados. Mas a mídia e as novelas fomentaram a imagem do local enquanto universo mágico. Os colégios mais ricos incentivam o rendimento escolar ao proporcionar excursões colegiais e de grupo à Disney, viagem que só era vislumbrada e possível pelas crianças da classe alta, devido ao seu caráter de ambiente *VIP*. Quando ficou possível vislumbrar uma incipiente abertura, uma mínima democratização e uma possibilidade de acesso ao local por um público tido como mais “popular”, um incômodo foi despertado nos pequenos grupos de ricos brasileiros, incômodo justificado como defesa da economia, ou seja, do país. Seguem as palavras do atual ministro da Economia, Paulo Guedes: “[...] todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia [...]” (O Globo Economia, 2020).

O aspecto ufanista, de defesa e amor à pátria, de modo a se defender até uma segregação, em favor da economia, é ironizado. Os símbolos como a bandeira e as cores da bandeira do Brasil são ferramentas que amarram e dão visibilidade às questões acerca da nacionalidade. A questão da identidade nacional, assim como o conceito de representação, elenca os aparatos simbólicos como forças que engendram o conceito da nação. Stuart Hall (2006) chama a atenção para o processo de formação da identidade nacional enquanto uma comunidade imaginada. Destaca que nenhum sujeito nasce brasileiro ou italiano, entre outras identidades, mas que esse caráter, que parece tomar proporções biológicas e parece estar presente no DNA, é construído por meio de sentidos simbólicos e abstratos, ele discute a nação enquanto uma comunidade imaginada.

Ainda dissertando sobre a temática, Hall defende que, apesar de sua não concretude e formulação de alguma forma ficcional, a identidade nacional é uma delimitação necessária ao indivíduo, pois lhe assegura uma personalização inicial e irá possibilitar a vida enquanto um ser social. A vida em sociedade, partilhando dos princípios de uma identidade nacional, gera códigos de conduta que abrangem direcionamentos culturais, sociais, políticos e morais. A singularidade e a peculiaridade atrelada a uma nacionalidade se dão, também, através da diferença, somos brasileiros porque não somos italianos, e, assim, sucessivamente, dando origem a uma cultura e a uma constelação de representações singulares.

No processo de construção da nacionalidade, muitos aspectos foram convocados, principalmente os aspectos que podem ser classificados como ficcionais, a exemplo das narrativas de uma nação. Mitos fundacionais foram construídos, para dar embasamento à história do país, palavras de ordem (ordem e progresso) surgem para caracterizar a imagem do país, hino nacional, elaboração de heróis nacionais dentro da literatura, bandeira para simbolizar a nação e as cores do país. Por fim, esse é o conjunto cívico de amor à pátria, mas é, antes de tudo, uma narrativa bem “amarrada” para fornecer uma condição de linearidade, heroica e uma forma de esconder as lacunas e silenciamentos proporcionados pela lógica da história.

Em época de Copa do Mundo, podemos ver toda a população animada, ansiosa por torcer pelo time brasileiro e colocar sua camisa verde e amarela, é patriótico. Em época de grande polarização política, como em 2016, pudemos ver as camisas com as cores da bandeira do Brasil serem retiradas do armário de uma parcela da população. Denunciando a dita corrupção política, o assalto à moralidade do homem de família e buscando o salvamento da pátria, a camisa verde e amarela foi símbolo dos defensores da nação, a classe média e a classe alta que foram às ruas e buscavam a exterminação de esquerdistas e comunistas. Reconhecemos, com esse movimento, como os aparatos simbólicos ainda estão atrelados à constituição e representação do indivíduo, mas sempre de forma enviesada. Nenhuma representação é neutra. Como embates de

times, assumiram símbolos para representar o lado oposto. Regado à sarcasmo, lemos o trecho datado em 2 de julho de 2019, do livro *Essa gente* (2019):

Ele só não concebia voltar à escola, mas ao ser informada do que ali se passava, ela tomou as dores do filho e decidiu ir com a Laila tirar satisfações junto à diretoria. Até a Rebekka, que não era muito de política, na última hora se juntou às duas, e lá foram elas de blusas vermelhas, customizadas com apliques de foice e martelo. Hostilizadas na rua e no ônibus que as conduziu, chegaram cuspiendo marimbondos àquela escola de filhinhos de papai, que todo dia se perfilavam para cantar o Hino Nacional com a mão no peito. Foram recebidas por uma pedagoga que lamentou os incidentes, mas se declarou impedida de reprimir os eventuais desafetos do meu filho, pois era sagrada a liberdade de expressão naquele estabelecimento (Buarque, 2019, p. 167).

Maria Clara Duarte percebe a atmosfera perigosa que a política brasileira estava assumindo e tomando proporções assustadoras, ao ponto de seu filho ser reprimido e classificado como “comunista” e, de acordo com o pensamento de uma parcela da população – como Agenor (bombeiro militar e morador da favela do Vidigal) –, todo comunista era igual ao ladrão e digno de depreciação. Se a não associação ao comportamento tendencioso, que emergia nas ruas e nas condutas dos supostos defensores da pátria, significava ser “comunista”, Maria Clara, sarcasticamente, resolveu ser uma verdadeira comunista. Se os filhinhos de papai odiavam o comunismo, mesmo sem saber o que realmente significava, assim como, provavelmente, seus pais não sabiam, Maria Clara adornou-se de ironia, roupas vermelhas e o símbolo do comunismo. O adorno tinha mais o objetivo de causar repulsa e alvoroço nos exaltados do que estabelecer alguma relação real com o comunismo.

A personagem adota um comportamento irônico ao ponto de dispensar uma contra-argumentação e usa as mesmas formas de manejo das ferramentas simbólicas como forma de, pelo menos, causar uma irritabilidade no grupo oposto. A ironia é posta como sentimento de única reação possível, diante de tamanha irracionalidade. A ex-mulher de Duarte, durante muito tempo, foi sua companheira e o auxiliou na

construção de suas escritas literárias, ora prestando incentivo, ora corrigindo as suas cacofonias e vexames gramaticais. Ela era, até na perspectiva dos editores, o braço direito literário de Duarte. A mulher protagoniza um cenário de combate a difíceis questões psicológicas. Uma condição de desamparo e falta de esperança no futuro e nas questões sociais atinge Maria Clara, esses fatores geram um sentimento de melancolia e profunda desorganização mental, implicando na necessidade de acompanhamento médico contínuo.

Alcançar um período histórico e temporal no qual a sociedade caminha para uma progressão científica, em que os estudos e as pesquisas científicas – tanto nas ciências exatas quanto nas ciências humanas – ganham destaque e, posteriormente a esse advento do Positivismo e do progresso do conhecimento, enxergar um movimento retrógrado e de desvalorização das contestações científicas, em detrimento de afirmações tendenciosas e ilógicas, é, decerto, desesperador e desolador. A mulher não se entrega ao vencimento do absurdo, tem ainda na ironia ou na fuga do país recursos a serem explorados, ela ainda vislumbra possibilidades de escape. A melancolia e o sentimento de luto do objeto perdido que não foi concretizado, a ideia de um país justo e igualitário, são confrontados com essa expressão comunicativa que é o apelo irônico. Segundo Chico Viana (2004): “Se na melancolia o ego se reconhece vencido e tende à autodepreciação, na ironia ocorre “uma espécie de acordo na economia psíquica do sujeito” que “o coloca na possibilidade de não sucumbir ao puro autoenvilecimento” (Viana, p. 15 *apud* Silva, p. 9).

O recurso expressivo de combate à representação do crescimento e desnudamento de uma classe tão grotesca é, assim, utilizado. Nem o extremo encantamento perante a cidade maravilhosa é capaz de superar tamanha aberração. Rebekka, namorada de Agenor e de origem holandesa, por quem Duarte cria demasiada afeição, compartilha do mesmo sentimento de desesperança em relação à representação que invade o território carioca e brasileiro. Rebekka participa de manifestações populares contra o uso da força arbitrária do Estado através da Polícia

Militar, contribui com intervenções sociais dentro da favela e seus ideais compactuam com os ideais de Maria Clara Duarte, com quem constrói uma interessante relação de amizade, ao ser tão atenciosa com o garoto – filho do escritor. Duarte revela um pouco da descrença da holandesa: “Ela ainda acha o Rio a cidade mais maravilhosa do mundo, mas quer distância. Em Utrecht, reencontrará o Rio de sua infância, onde amará para sempre o seu Orfeu” (Buarque, 2019, p. 120). A cidade utópica é maravilhosa e acolhedora. A disseminação de informações vazias e inconcebíveis é uma característica da contemporaneidade, um recorte específico intitulado como época da “pós-verdade”. E nas escritas de Chico Buarque, aqui analisadas, é uma temática tratada com ironia e sarcasmo, devido à natureza de absurdo. A “pós-verdade” é um termo calcado no recorte contemporâneo, que diz respeito à instauração de falácias absurdas, mas que assumem caráter de verdade por parte da população desinformada. Podemos citar como exemplo, e manifestação desse termo, as fakes news. Em seus estudos e pesquisa sobre discurso e argumentação, Rodrigo Seixas (2019, p. 131) nota:

A pós-verdade evocaria, assim, um autoritarismo da interpretação, que impele os sujeitos a já predispor de determinada leitura cativa dos fatos, rejeitando o que distingue, compartilhando o que assemelha, sem maiores reflexões acerca do que ali é informado como verdade. Há, portanto, algo de bastante retórico, não meramente pela questão da (im)persuasão possível de ser observada nesse fenômeno, mas, sobretudo pelo caráter retórico desde a percepção da realidade, pelo movimento cognitivo e argumentativo de seleção do que se divulga e do que se rejeita.

Com essa exposição, notamos uma negação da verdade cientificamente afirmada e a negação de formulações que diferem, de algum modo, da formulação que se pretende legitimar. Seixas reforça que, para além do autoritarismo e imposição das informações, há um caráter retórico que perpassa pela percepção da realidade. O conceito de representação está pautado na utilização de variados dispositivos: mitos, história, literatura, instituições religiosas ou familiares e agora, de modo demasiado, nas ferramentas midiáticas – listamos o exemplo da televisão e da internet, juntamente

com as redes sociais. Todos esses elementos, conjuntamente, auxiliam e compõem a realidade, de modo a afirmar, legitimar ou deslegitimar uma outra representação. Dentro da disposição globalizada de sociabilidade, a televisão e a internet ganham destaque enquanto elementos influenciadores de opinião.

É considerável recordar de que, com o advento da globalização e sua abertura à democratização da internet (nos moldes atuais), houve um questionamento acerca do possível “triunfo” da imagem em detrimento do enfraquecimento da literatura e das práticas discursivas. Os vídeos games, os filmes e os encantadores efeitos cinematográficos tomariam o lugar já escasso da leitura e do interesse voltado às práticas semelhantes. As redes sociais trabalham em uma configuração correlata à ideia de perpetuação da imagem e de um modo, também, perigoso. Com a eclosão e grande aderência ao uso dessa ferramenta, a internet, no princípio, tinha a função de diluidora das fronteiras, diminuindo a distância e facilitando a comunicação. Além desse aspecto de comunicação entre pessoas, a internet beneficiou um movimento que pode ser denominado como “democratização do conhecimento”.

A plataforma servia/serve como um depositário de informações de todo o tipo e, ainda, fornece um aparato imprescindível à pesquisa científica e ao conhecimento geral, em todos os níveis. É inegável sua condição de ferramenta do conhecimento. A recorrência ao universo cibernético enquanto fonte de referências a delegou caráter de veracidade, e seus conteúdos aparentam ser indiscutíveis. A partir de, mais ou menos, 2014, podemos observar como as *fakes news* aproveitaram dessa ideia da incontestabilidade cibernética, partilhada pelo senso comum, e, assim, plantaram sementes de ódio e dissimulação no Brasil. A necessidade do questionamento da História enquanto matéria indiscutível e a literatura (devido à abstração) enquanto função menor ou não ciência, feita por Chartier, é colocada, assim, de forma análoga. A internet, independentemente de seu funcionamento revolucionariamente tecnológico, é feita por um sujeito, e, assim, pressupõe uma seleção, como qualquer

matéria humana. A globalização, que foi um conjunto de mutações econômicas e culturais, conseqüentemente, alterou as formas de sociabilidade:

O capitalismo tem realizado a reificação e a aceleração do ritmo da vida, como também tem estabelecido mecanismos que possibilitam o encurtamento das distâncias, fenômenos que desencadeiam a sensação de que o mundo se torna cada vez mais próximo e mais diminuto. Além dos eficientes meios de transportes que literalmente diminuem as distâncias, a tecnologia sofisticada dos veículos de comunicação possibilita que imagens sejam disponibilizadas simultaneamente aos acontecimentos por elas reproduzidos. Tudo se integra e contribui para que o mundo continue sendo caracterizado por meio da clichêizada metáfora da ‘aldeia global’ (Magalhães, 2018, p. 104).

Como confirma Carlos Augusto Magalhães (2018), as formas de representação foram alteradas, bem como as formas de construções de representações. A reconstrução da sociabilidade foi proporcionada pelo capitalismo e pela globalização, que acirraram fronteiras e “democratizaram” o acesso ao conhecimento. A televisão, apesar da imagem de neutralidade, que tenta passar, é, assim como qualquer ferramenta humana, perpassada por convicções. Duarte demonstra um descontentamento em relação à televisão e aos veículos de informação:

À praia não fui nunca mais, sequer descia à calçada, não ia a lugar algum. Comia qualquer besteira na cozinha e voltava para a cama, dormia, dormia e dormia noite e dia, sonhando com o presidente da República, só tinha pensamentos mórbidos. Tomei enjoo de notícias, desliguei para sempre a televisão e cancelei a assinatura do jornal, que continuavam a me entregar com promessas de descontos e brindes (Buarque, 2019, p. 170).

A narrativa retrata um desgaste e falta de credibilidade na realidade. A figura do presidente da República afeta Duarte de tamanha forma que tem sua qualidade de sono influenciada. O narrador-personagem perde a credibilidade nos veículos de informação, eles o causam enjoo, ele tem a noção de como essas estruturas são responsáveis na manipulação e na representação absorvida por grande parte da população. Ele sabe do jogo e teme essas movimentações, não acredita que assiste àquele conteúdo. Em *Leite derramado* (2009), temos: “Eu ia mesmo lhe telefonar para

me fazer companhia, me ler jornais, romances russos. Fica essa televisão ligada o dia inteiro, as pessoas aqui não são sociáveis. Não estou me queixando de nada, seria uma ingratidão com você e com seu filho” (Buarque, 2009, p. 10-11). Comparamos com os trechos, dos dois romances distintos, dois sujeitos inseridos em contextos históricos diferentes e com formas de sociabilidade e culturas diferentes. As transformações culturais e esse recorte fazem com que percebamos duas maneiras de relação com a televisão.

A vida do ancião é perpassada por diversos momentos históricos, neto de um figurão do Império, educado com idas à “Europa de todo vapor” (Buarque, 2009, p. 11), viu a modernidade ser instaurada no Brasil até o advento da República, testemunhando, nesse percurso, a intervenção militar de 1964. As formas de sociabilidade de Eulálio eram distintas das formas presenciadas por Duarte, e internado no hospital, deseja:

Mas lá estava eu, e me lembro bem das pessoas todas magnetizadas pela aparição do Lutétia, que se deu de modo meio teatral, ao irromper de denso nevoeiro. Nisso olhei para trás e vi um fotógrafo com seu equipamento a uns vinte metros de distância. Não era novidade, já de um tempo havia por toda parte esses diletantes ou profissionais de fotografia, captando instantâneos para a posteridade, como se dizia. Então presumi, não sem vaidade, que ao se revelar aquele instantâneo, eu seria o único a figurar para a posteridade frente a frente (Buarque, 2009, p. 25).

A instauração da modernidade no Brasil foi um momento histórico que fez parte da vivência de Eulálio. É notável que a chegada dos navios recebe a qualidade de evento importante, o Lutétia trazia a bordo uma delegação francesa ao território brasileiro, a fim de estabelecer e afrouxar os laços democráticos. Testemunhar a chegada do Lutétia no porto do Rio de Janeiro, assim como via com seu pai os navios na Europa de todo vapor, é a alegoria da chegada da modernidade no Brasil. A França, exemplo da modernidade, vinha, de modo teatral, trazer ideais de progresso, e isso foi marcante. Virar para o fotógrafo, para ser registrado, dentro desse marco histórico, significa ser um dos protagonistas do registro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro configura-se como narrativa de transição, uma relação entre um eu vivido e um eu narrado (o qual ele tenta restaurar por meio das memórias). O advento da globalização, que atinge Duarte, é mais tardio na vida de Eulálio, a televisão e a internet, juntamente com as redes sociais, não foram um elemento sumariamente presente na vida do velho.

Jessé Souza (2017) disserta sobre como uma elite brasileira, uma elite do atraso, se apropria dos veículos de informação, são donas dos suportes, são investidores da manutenção e do lucro das empresas midiáticas, logo, necessitam que elas manifestem “apoio ideológico” – de forma subjetiva. Eles arrumam meios de perpetuar sua violência simbólica da forma mais despretensiosa e de forma que demonstre uma isenção. O questionamento da existência das verdades únicas, da indisposição de direitos à população e disposição de privilégios a um pequeno grupo, já é um começo revolucionário.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Essa gente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHARTIER, Roger. **A força das representações**: história e ficção. João Cezar de Castro Rocha [et al] (Org.) – Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. 2.ed. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1998.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. Realidade e fantasia em itinerâncias tempo-espaciais: uma leitura bachelardiana em Aníbal Machado. In: SEMANA DE LETRAS E ARTES, 7., 1996, Viçosa, MG. **Anais...: Tradição e modernidade na era da globalização**. Viçosa, MG: UFV, 1996. p. 27-34.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder *et al.* (org.). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 236-259.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 18, p. 122-138, abr. 2019. Doi: doi.org/10.17648/eidea-18-2197.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.